

DO QUE ELAS PODEM FALAR? AS “PÁGINAS AMARELAS” ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

*WHAT CAN THEY TALK ABOUT? THE
“PÁGINAS AMARELAS” THROUGH A
GENDER PERSPECTIVE*

RESUMO

O presente artigo visa tecer discussões sobre a prática jornalística da revista *Veja*. Para isso, toma-se como objeto desta investigação as edições publicadas entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016, tendo como fio condutor o alerta para os possíveis efeitos do saber e a identificação das formas de exercício do poder. O principal objetivo deste trabalho é investigar a seção de entrevistas denominada Páginas Amarelas, visto que os homens são ampla maioria neste ambiente, além de serem convidados a dissertarem sobre temáticas relacionadas ao espaço público. Sendo minoria nesta seção, cabe às mulheres falarem sobre os temas direcionados ao espaço privado. O diagnóstico nas Páginas Amarelas é feito a partir de uma perspectiva de gênero, visto que homens e mulheres não são convidados a dissertar sobre as mesmas temáticas.

Palavras-chave: *Revista Veja. Análise do discurso. Gênero.*

André Luís Andrade Silva

the.andreluis@hotmail.com

Mestre em História e Regiões pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/PR)

Ariane Carla Pereira

ariane_carla@uol.com.br

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

DOI: 10.21882/ruc.v8i14.817

Recebido em: 02/02/2020

Aceito em: 14/06/2020

28

ABSTRACT

*This article aims to discuss the journalistic practice of *Veja* magazine. To this end, the object of this investigation is the editions published between January 2011 and December 2016, having as a guiding thread the alert for the possible effects of knowledge and the identification of the forms of exercise of power. The main objective of this work is to investigate the interview section called Yellow Pages, since men are the vast majority in this environment, besides being invited to talk about topics related to public space. Being a minority in this section, it is up to women to talk about the themes directed to the private space. The “Páginas Amarelas” diagnosis is made from a gender perspective, as men and women are not invited to talk about the same themes.*

Keywords: *Veja magazine. Speech analysis. Gender.*

Introdução

O presente artigo visa tecer uma análise discursiva de base foucaultiana na seção de entrevistas denominada “Páginas Amarelas” da revista *Veja*. As edições publicadas entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016 serão investigadas por meio de uma perspectiva desenvolvida sobre os eixos do saber e do poder. Ou seja, como, através do discurso jornalístico, este periódico perpetua estereótipos de gênero e conceitos binários situados historicamente. O propósito deste trabalho é questionar o modo como o gênero é mobilizado por *Veja* como demarcador de temáticas específicas relacionadas a homens e mulheres. Também, buscar discutir o periódico como um agente político, tendo em vista que seus enunciados produzem narrativas sobre a política brasileira.

A baliza temporal deste trabalho é decorrente do contexto político, já que na época o Brasil passou por momentos conturbados entre a posse presidencial de Dilma Rousseff, em 2011, e seu *impeachment* no ano de 2016. O período abrange as manifestações de junho/julho de 2013 que lotaram as ruas dos grandes centros e logo se espalharam por várias cidades do território nacional. Também, as manifestações realizadas por apoiadores e contrários ao processo de *impeachment* e, o momento em que a operação Lava-Jato se tornava protagonista nas denúncias de corrupção ligadas à políticos e ministros do governo. Rousseff foi reeleita em 2014 derrotando no segundo turno das eleições o então candidato do PSDB Aécio Neves. No ano seguinte, aconteceria a abertura do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados, o que culminaria no afastamento de Rousseff logo no primeiro semestre de

2016, colocando a República e a democracia do Brasil em xeque.

Dos vários espaços que compõem a revista *Veja*, esta análise do atravessamento de gênero no modo como diversos temas foram abordados será feita especificamente em sua seção de entrevistas. As “Páginas Amarelas”, ambiente semanal de entrevistas de *Veja*, acompanham o periódico desde seus primórdios. Cada entrevista tem entre 10 e 15 perguntas, que somam três páginas escritas, sendo a única ilustração a fotografia do entrevistado na página de abertura. As entrevistas têm manchete, chamada e algumas janelas que ressaltam frases ditas pelos convidados entrevistados. A investigação neste espaço emerge de uma inquietação relacionada aos entrevistados desta seção e dos assuntos sobre os quais são convidados a dissertarem, pois, através da catalogação das entrevistas publicadas neste período, nota-se que os homens possuem uma representatividade de 86,5% das entrevistas, enquanto as mulheres apenas 13,5%. Além disso, as mulheres são segregadas por *Veja* a discutirem sobre estética, beleza, sensualidade, música e educação dos filhos, caracterizando-se, assim, por falarem do espaço privado. Enquanto que as temáticas dissertadas pelos entrevistados homens dão ênfase para os assuntos políticos e econômicos referentes ao espaço público.

Com efeito, as “Páginas Amarelas” apresentam-se como um espaço sexuado, já que homens e mulheres não são convidados a dissertarem sobre os mesmos assuntos, assim, reforçam o modo como são fabricadas as associações entre gênero e binarismos associados ao masculino e feminino, por exemplo, como esses binarismos estão calcados em padrões heteronormativos,

responsável pela emergência do espaço privado/mulher e público/homem. Neste contexto, é necessário discutirmos o gênero como uma categoria para a análise histórica, assim como propôs Joan Scott. Seu conceito e definição de gênero são fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, assim como as discussões sobre o espaço público/privado, que faz necessário compreendermos as “Páginas Amarelas” como um ambiente de relação de saber e poder, já que dentro dele estão inseridos o jornalista entrevistador, o convidado entrevistado e, também, os leitores.

Do que elas falam, do que elas podem falar

Uma nova história das mulheres no Brasil (PINSKY; PEDRO, 2012), título de uma importantíssima obra organizada pelas historiadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro, reúne diversos artigos que discutem como a luta das mulheres resultou na ampliação dos direitos e oportunidades delas, principalmente nos séculos XX e neste início de XXI.

A escalada das mulheres rumo à emancipação, porém, teve início ainda no século XIX quando ganhou força e possibilitou os resultados que tornaram, recentemente, a política mais democrática e a sociedade menos desigual. Ainda há muito o que se fazer, já que são muitos os espaços em que as mulheres ainda enfrentam barreiras impostas por uma sociedade edificada tendo como base de sustentação o patriarcalismo. Um exemplo dessa invisibilização e do silenciamento das mulheres vem das “Páginas Amarelas”, o espaço de entrevistas da revista *Veja*. É por isso, então, que nesse trabalho o objetivo é entender como se dá a participação das

mulheres nesta seção e, ao mesmo tempo, estabelecer um breve contraponto com a atuação masculina. Desta forma, para auxiliarmos na análise, foi desenvolvida a tabela abaixo, que apresenta as temáticas abordadas em “Páginas Amarelas” e quem fala sobre elas.

Tabela 01 - Temáticas das “Páginas Amarelas”, revista Veja (2011 - 2016)

TEMÁTICA DA ENTREVISTA	QUANTIDADE DE ENTREVISTAS	
	HOMENS	MULHERES
Temática central: Política brasileira Sub-temas: Democracia; Congresso; Manifestações; Ideologia; Eleições; Instituições públicas; Programas sociais.	39	3
Temática central: Política externa Sub-temas: Democracia; Imigração; ONGs; Terrorismo; Direitos Humanos; Liberdade de expressão; Conflitos	26	8
Temática central: Economia brasileira Sub-temas: Inflação; Protecionismo; Previdência Social; BNDS; PIB; Investimentos; Taxa de juros; Impostos.	31	1
Temática central: Educação Sub-temas: Ensino médio e superior; Pesquisa científica; Base Comum Curricular.	22	9
Temática central: Inovação e Tecnologia Sub-temas: Informática; Software; Internet; Redes sociais.	18	3
Temática central: Carreira profissional Sub-temas: Empreendimentos; Biografia.	15	4
Temática central: Cultura Sub-temas: Música; Cinema; Literatura; Novela, Moda; Arte; Estética.	13	5
Temática central: Poder Judiciário Sub-temas: Corrupção; Delações Premiadas; Investigações; Lei; Ministério Público.	11	6
Temática central: Economia externa Sub-temas: Crise na Europa; Estatísticas; Reformas; Mercosul; Desenvolvimento.	17	0
Temática central: Esporte Sub-temas: UFC; Olimpíadas 2012 e 2016; Copa do Mundo 2014	16	0
Temática central: Meio Ambiente Sub-temas: Economia verde; Sustentabilidade; Biodiversidade; Energia renovável.	12	1
Temática central: Segurança pública Sub-temas: Sistema penitenciário; Violência; Criminalidade.	13	0
Temática Central: Religião Sub-temas: Islamismo; Catolicismo; Judaísmo.	10	2
Temática central: Capitalismo e neoliberalismo Sub-temas: Livre mercado; Liberdade individual; Meritocracia; Competitividade; Capitalismo; Iniciativa privada.	11	0
Temática central: Saúde Sub-temas: Sistema público e privado; Medicina; Psiquiatria.	10	0
TOTAL:	264	42

Fonte: O autor

serem publicações especiais sobre temáticas específicas ou edições retrospectivas.

A divergência entre os assuntos expressados por meio dos gêneros durante as entrevistas é similar ao que Foucault conceituou como interdição. Isto é, sabe-se bem que "não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa" (FOUCAULT, 2014, p. 09).

A interdição é categorizada por Foucault como um dos procedimentos de exclusão e/ou silenciamento de um discurso. Tal exclusão é fundamentada sobre três eixos: sobre o que se pode e o que não se pode falar, em que circunstâncias se pode falar, e o direito privilegiado de quem fala. O espaço de entrevistas de Veja também é o local no qual ocorrem as separações e rejeições de discursos, visto que, segundo a tabela registrada na página anterior, a maioria das temáticas dissertadas por homens referem-se ao espaço público - "esferas da vida social nas quais a intrusão ou interferência em relação a liberdade requer justificativa especial" (OKIN, 2008, p. 36).

[...] o espaço público, no qual se debatem as questões relevantes para a coletividade, é um domínio essencialmente masculino, enquanto o mundo privado, socialmente menos valorizado, é o reino do feminino. Se o primeiro é o lugar da argumentação, do confronto de ideias e da disputa de poder, o outro é lugar da afetividade, onde a razão pode ceder ao sentimentalismo e à insensatez do coração. (LUCA, 2012, p. 465)

A determinação do que são as esferas pública e privada são construções histórico-sociais, derivadas de relações de poder fundamentadas pelo patriarcalismo. Portanto, no momento em que se separaram os espaços se define também quem tem o direito de frequentá-los e, assim, marcam-se as divisões do trabalho, as funções e as

práticas cotidianas. Joan Scott (1989), não concorda com a noção de patriarcado, mas em uma perspectiva mais pulverizada de poder, como a de Foucault, por exemplo. A proposta de Scott é compreender a questão do gênero como uma categoria de análise, nos permite identificar como o gênero funciona nas relações sociais e, também, como ele dá sentido à organização do espaço e das práticas de poder. Gênero, para a autora, não pode ser entendido como sinônimo de mulher(es), mas sim como uma maneira de indicar as construções sociais e as criações culturais dos papéis masculinos e femininos dentro do processo histórico.

A própria historiografia da história foi, durante séculos, um divisor das atividades entre homens e mulheres, como bem apontado pela historiadora estadunidense Bonnie Smith (2003), pois alertou sobre como as mulheres eram excluídas da prática histórica, já que os espaços de produção do saber, como universidades e arquivos eram lugares predominantemente masculinos. As mulheres, para poder trabalhar e realizar suas pesquisas, buscavam e utilizavam fontes alternativas, enquanto os homens apoderavam-se dos documentos oficiais, de maneira que eles produziam ciência e elas o amadorismo. Somente com a Nova História, os caminhos se abriram para a história das mulheres e as discussões relacionadas ao gênero, tendo as historiadoras estadunidenses como referência para este novo campo historiográfico.

Em Veja, as entrevistas com mulheres revelam que as elas ganham visibilidade quando os temas em destaque são ligados ao universo da arte. Na edição número 2281, de 08 de agosto de 2012, por exemplo, a

convidada é Erika Leonard James, escritora britânica a autora do best-seller “Cinquenta tons de cinza”. Só para falar sobre música, a revista recorre a elas em cinco momentos. Um deles é quando a estadunidense Marin Alsop assume como regente titular da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp).

A nova titular da Osesp representa a mentalidade atual do mundo erudito, em que maestros não são mais semideuses, e as orquestras trabalham com transparência. [...] A tarefa de Marin não será apenas de reinstaurar o clima de normalidade e aprimoramento que faltou à Osesp desde a saída de seu titular e renovador John Neschling, em 2009. Marin representa a mentalidade predominante no mundo erudito, que dita que o maestro não deve apenas comandar seu grupo, mas também integrá-lo à comunidade. (Veja, edição 2260, 14/março/2012, p. 17)

Ao adotar o substantivo maestro, no masculino, e não a forma feminina maestrina, é como se Veja conferisse sexo as palavras e dissesse que cada lugar é voltado para um dos gêneros. No caso, a frente de uma orquestra sinfônica seria um lugar para um homem e, portanto, mesmo se assumido por uma mulher, ela deve se comportar como um.

As “Páginas Amarelas” da edição de 17 de abril de 2013 trazem uma entrevista com Carla Bruni-Sarkozy, embora o gancho para a entrevista seja o lançamento de um álbum com composições próprias, a descrição inicial, que antecede a entrevista, ressalta a ligação dela com o ex-presidente da França, sua rotina doméstica e, sobretudo, sua sensualidade. Ao não focar seu trabalho, a revista também o desmerece.

A cantora e ex-primeira-dama da França diz que acorda o marido, Nicolas Sarkozy, para mostrar as canções que compõe no meio da noite. [...] É impossível dissociá-la da sensualidade, atributo que exala também nas canções que compõe e canta, as últimas reunidas no CD *Little French Songs*, lançado neste mês. (Veja, edição 2317, 17/abril/2013, p. 13)

Já ao anunciar a entrevista com Elza Soares, publicada em 26 de novembro de 2016, Veja também ignora o engajamento dela na luta pelo fim da violência doméstica, presente inclusive nas canções do disco “A mulher do fim do mundo”, e ressalta a trajetória de sucesso de Elza, como um exemplar das histórias de superação e auto empreendimento de si, tão caras ao neoliberalismo, teoria político-econômica a que a revista está alinhada.

Filha de um operário e de uma lavadeira, nascida em uma favela, Elza começava sua acidentada e exuberante trajetória artística com essa exibição de uma personalidade tão forte e singular quanto sua voz rouca, própria para improvisos. [...] No ano passado, lançou *A Mulher do Fim do Mundo*, um dos melhores álbuns de sua carreira. Recentemente, fez turnê do disco em São Paulo e partiu para a Europa, com show na Alemanha e Inglaterra, e até o fim do mês se apresenta em Portugal. (Veja, edição 2505, 23/novembro/2016, p. 17)

Os enunciados das “Páginas Amarelas” operam, conforme Tuchman (2009), uma aniquilação simbólica das mulheres, ao sub-representá-las quando deixa de destacar características consideradas masculinas – a política, no caso de Elza; o talento de Carla; e a liderança, no de Marin.

A Educação é outro tema em que as mulheres são chamadas a se pronunciar com

frequência. Afinal, esta está diretamente ligada à formação dos filhos e estes são de responsabilidade da mãe, porque é no lar – ou seja, no espaço privado – em que crescem e se preparam para, depois, enfrentarem o mundo “se forem homens”. Na edição número 2319 de 01 de maio de 2013, a entrevistada é Wendy Kopp, pedagoga estadunidense fundadora do projeto *Teach For America*, que recruta professores para dar aula a crianças pobres nos Estados Unidos. Na edição número 2466 de 24 de fevereiro de 2016, a educadora e especialista em política educacional Paula Louzano falou sobre a proposta da Base Comum Curricular (BCC). Na edição 2469 de 16 de março de 2016, a convidada é a professora e matemática estadunidense Katherine Merseth, que abordou a preparação de professores, o interesse dos jovens em seguir uma carreira na docência, suas dificuldades e inventivos. A edição número 2498 de 05 de outubro de 2016 entrevistou a educadora brasileira Maria Helena Guimarães, uma das responsáveis pela reforma no currículo do Ensino Médio brasileiro, abordando assim os detalhes da nova estrutura.

A docência é ligada ao feminino na medida em que a professora pode ser compreendida como uma segunda mãe, visto que as mulheres já desempenhavam a função dentro de casa, com seus filhos. Ao mesmo tempo, foi através desta profissão que as mulheres começaram sua escalada rumo à conquista do espaço público. Desta maneira, Veja ressalta a intelectualidade da mulher quando esta está ligada “às profissões do ensino” (PERROT, 1994, p. 16). Essa ligação da mulher com o âmbito doméstico e a criação dos filhos também está presente na edição 2483. Nela, a estadunidense Sue Klebold, mãe do jovem Dylan Klebold, um

dos autores da chacina de Columbine, em 1999, é a entrevistada. Nesse caso, entretanto, ao abordar a criação dos filhos, um assunto taxado como feminino, a revista deixa vaziar um juízo de valor, de que a culpa é da mãe. Ou seja, se o filho matou em decorrência de qualquer distúrbio, a mãe errou por não ter percebido, ajudado, procurado amparo e evitado a tragédia. Julgamento perceptível nas perguntas do jornalista Marcelo Marthe: “A senhora nunca suspeitou que Dylan poderia fazer o que fez?”; “A senhora mudaria a criação de seu filho?”; “Depois da tragédia em Columbine, os tiroteios de massa se tornaram relativamente comuns não só nos Estados Unidos. O que explica isso?” (Veja, edição 2483, 22/junho/2016, p. 20 e 21).

Sue Klebold fracassou como mãe e também como educadora, já que esta é a sua profissão. Foi ela quem não soube instituir uma boa rotina para seu filho, que não agiu com firmeza e, assim, criou um filho que não aprendeu a receber “um não”. Segundo Ariane Pereira (2018), em nossa contemporaneidade, a mulher ao se tornar mãe, assina um contrato social simbólico e, este documento imaginário prevê que é necessário sempre buscar se aperfeiçoar, se aprimorar como mãe, procurando ser melhor do que foi no dia anterior.

A edição de 29 de fevereiro de 2012 segue a mesma linha ao entrevistar Rosalind Wiseman, para quem o bullying só ocorre porque os agressores são acobertados tanto em casa quanto na escola. Assim, se criticam mães e professoras – já que elas são as principais responsáveis pelas crianças e jovens.

A escritora americana especialista em bullying diz que crianças e adolescentes que

agridem e humilham colegas são acobertados em casa - e que as escolas em geral se omitem. [...]. Aos 42 anos, mãe de 2 filhos, Rosalind, formada em ciência política, dedica-se a escrever livros e colunas e a dar palestras em que expõe, com exemplos muito concretos e didáticos, a prática do bullying e ensina a prevenir e atenuar seus efeitos. (Veja, edição 2258, 29/fevereiro/2012, p. 17)

A superproteção que leva ao bullying, por exemplo, tem nome – *overparenting* – tema das “Páginas Amarelas” da edição de 05 de agosto de 2015. Mais uma cobrança em relação à mãe, que perdeu a superproteção no educar dos filhos depois das décadas de 1960 e 1970, justamente quando as mulheres vão para o mercado de trabalho com maior intensidade.

[...] Foi a partir dessa experiência - e da sua própria, como mãe - que ela passou a estudar o *overparenting*, expressão americana para o hábito de proteger excessivamente os filhos. O fenômeno surgiu quando a geração do pós-guerra, tratada com rigidez pelos pais, mas influenciada pela contracultura dos anos 60 e 70, decidiu criar suas crianças de forma diferente - menos rigor e mais amor, menos cobrança e mais compreensão. Os exageros na aplicação da fórmula, argumenta ela, ajudam a produzir uma geração de adultos incapazes de decidir por conta própria e com dificuldades de se adequar ao mercado de trabalho. (Veja, edição 2437, 05/agosto/2015, p. 15)

É preciso não perder de vista, dessa forma, “a força das permanências, como evidencia o fato de as mulheres seguirem atadas, ainda no século XXI, sobretudo, à esfera privada, à domesticidade” (LUCA, 2012, p. 450), espaço da casa em que estão a mulher, os filhos e também, ocasionalmente, o marido, para quem a mulher – além de

executar com sucesso a educação dos filhos - deve estar sempre atraente. Assim, para além da cultura e da educação, as mulheres também aparecem nas Páginas Amarelas quando a temática diz respeito ao corpo, à estética e à beleza feminina, como na edição de 12 de novembro de 2014, que entrevista à “papisa do Botox” no Brasil, Ligia Kogos.

Mexer ou não mexer? Quem cruza o saguão da clínica da médica Ligia Kogos certamente já fechou com a primeira opção e não está em busca de resultados modestos. Considerada a papisa do Botox no Brasil, ela se orgulha em dizer que seu centro de dermatologia, em São Paulo, é o segundo no mundo que mais aplica o produto em pacientes. Ela também faz preenchimentos exuberantes e passa receita de fórmulas até em guardanapos de restaurante. (Veja, edição 2399, 12/novembro/2014, p. 17)

Esse modelo que exclui a mulher do espaço público ou que reconhece apenas aquelas que voltam seus olhares e atenção para aspectos que seguem sendo considerados próprios do feminino – como os cuidados com a aparência, o apego ao belo (tanto o corpo, como as artes) e a educação dos filhos – são exemplos da aderência de Veja a ordem familiar burguesa perpetuada no Ocidente desde o século XIX, já que, segundo Perrot (2017), é dentro desta temporalidade que as funções sociais são predefinidas pelo espaço no qual os gêneros habitam e revigora-se a fronteira entre o público e o privado, impedindo as mulheres de dizer sobre si e permitindo que sejam comentadas e faladas por homens.

O modelo patriarcal não só limitou as mulheres ao espaço privado, mas também as impediu de exercer a cidadania, fazendo com que elas produzissem história e ciência

"com o que lhes foi dado ou deixado" (PERROT, 1994, p. 20). Com esse pouco, produziram microfissuras no hegemônico poder masculino e, assim, conquistaram posições. Afinal, se as diferenças entre os gêneros são construções, logo podem ser desconstruídas, como na entrevista de Zilu Camargo, ex-mulher do cantor sertanejo Zezé de Camargo. Afinal, mesmo sendo chamada a abordar assuntos pessoais e, portanto, privados – o casamento, a traição e a separação –, ela reforça o papel fundamental que teve na conquista do sucesso pelo ex-marido e seu irmão, Luciano.

O braço forte da goiana Zilu Camargo, 51 anos, foi decisivo para uma das mais bem-sucedidas trajetórias do sertanejo brasileiro, protagonizada pela dupla Zezé Di Camargo & Luciano. Desde a dureza dos primeiros tempos, quando Zilu vendeu a própria aliança para pôr comida na mesa, era dela a mente financeira e pragmática. (Veja, edição 2373, 14/maio/2014, p. 19)

A entrevista apresenta Zilu como uma mulher decidida e inteligente, aquela que dá sustentação ao homem no espaço privado para que ele tenha condições de alcançar o sucesso no espaço público. Se no modelo de sociedade patriarcal a racionalidade é uma característica masculina, bem como a mente financeira e pragmática, essa não é a imagem que Zilu construiu para si e é reproduzida por Veja. Mas, mesmo com Zilu tendo rompido com as barreiras que lhe impediam de conquistar o espaço público como mulher, ela soma as características que seriam próprias do masculino às inerentes ao feminino, como o papel de esposa protetora, que cuida do marido.

Outra questão importante é o silenciamento que Veja impõe às mulheres

no que diz respeito a assuntos políticos ou relacionados à temática, mesmo que durante o recorte temporal desta pesquisa uma mulher tenha sido eleita e reeleita presidente da República e sofrido um processo de *impeachment*. Entre 2011 e 2016, as mulheres pouco falaram sobre a política brasileira nas Páginas Amarelas. Das 42 entrevistas publicadas com esta temática, em apenas três as convidadas são mulheres: a senadora Marta Suplicy, na edição número 2423 de 29 de abril de 2015, anunciando sua desfiliação ao Partido do Trabalhadores tendo em vista que “o PT havia traído os brasileiros, não tendo mais projeto de governo, a não ser se manter no poder”; e Kátia Abreu, então ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, na edição número 2422 de 22 de abril de 2015, quando tratou das políticas brasileiras ligadas ao agronegócio, e na edição número 2494 de 07 de setembro de 2016, que teve o *impeachment* de Dilma Rousseff como temática central, já que Kátia, à revelia do seu partido, não abandonou o governo nem a presidenta.

Kátia foi a primeira mulher a falar sobre o *impeachment* e isso só ocorreu em setembro de 2016, quando Dilma Rousseff já havia sido afastada do cargo, definitivamente, após a votação do *impeachment* pelo Senado, em maio do mesmo ano. Nestes seis meses, os homens discutiram a vida pública em 39 edições, sendo o *impeachment* uma das principais temáticas dessas entrevistas. Quando é a política externa que está em destaque, a aparição de mulheres sobe para 8, número ainda pequeno quando comparado aos 26 entrevistados homens que também abordam a temática. Reforçando os ideais da revista, outro exemplo de entrevista que corrobora o posicionamento favorável de Veja

ao *impeachment* está presente na edição número 2476 de 04 de maio de 2016. Sua principal temática não é política, e sim os avanços das pesquisas relacionadas à felicidade e ao otimismo dos seres humanos, com base nas pesquisas realizadas pela entrevistada, a neurocientista Tali Sharot, para quem, de acordo com a revista, "a ideia de que tudo pode dar certo é uma predisposição genética que ajuda a avançar e superar crises - como a que o Brasil atravessa agora" (Veja, edição 2476, 04/maio/2016, p. 19). Assim, o otimismo é o mote para a defesa de que o *impeachment* de Dilma Rousseff seria o melhor caminho para vencer a descrença nos políticos, na política e na econômica do Brasil. Numa das respostas, então, Sharot afirma que,

São eles, os líderes, que deveriam alimentar o próprio otimismo para tomar decisões corretas e levar o país para a estrada certa. Por essa visão, o *impeachment* pode ser visto como uma esperança de que há luz no fim do túnel. [...] Ou seja, o *impeachment* pode ser visto por quem apoia como uma probabilidade de dar fôlego a sua vida privada, já que poderia ser a saída para tirar o país de um buraco. (Veja, edição 2476, 04/maio/2016, p. 20)

Fica evidente que, quando as mulheres ganham vozes para falar do espaço público e abordar a temática da política, seus discursos são direcionados para o lado sentimental, em que prevalece uma visão romantizada, amorosa, sensível e, sobretudo, otimista. Em oposição ao racional, à coerência e à ponderação, que seriam características dos homens. Argumento para justificar porque a esfera pública seria o habitat natural e hegemônico dos homens e, portanto, por consequência, também as "Páginas Amarelas" que atuam no reforço da perspectiva "dicotômica do masculino e do

feminino: o homem criador/a mulher conservadora, o homem revoltado/a mulher submissa" (PERROT, 2017, p. 200).

Logo, o conceito de interdição estabelecido por Foucault materializa-se nas "Páginas Amarelas" de Veja como uma forma de controle e exclusão do discurso feminino; mostra que, mesmo dentro de um espaço-tempo em que as mulheres tiveram inúmeras conquistas sociais, culturais e políticas, suas vozes são incapacitadas de dissertar nas páginas mais privilegiadas e nobres da revista, que além de um periódico informativo é, também, um espaço político que atua na condução de condutas. Assim, Veja oferece a seus leitores, maneiras de viver a feminilidade e a masculinidade, oferece também, modelos de conduta, comportamentos conformes, vistos e compreendidos como naturais.

Nas entrevistas publicadas por Veja é notável que as convidadas não representam e também não falam sobre as mulheres pobres, mulheres do campo, ou das trabalhadoras comuns da cidade, isso diz muito sobre seu público alvo, a classe média urbana. O silêncio das "Páginas Amarelas" imposto sobre elas, as impede de participarem do espaço público, mesmo em um momento político no qual Dilma Rousseff exercia o cargo máximo do executivo brasileiro, também, tornava-se a principal personagem que protagonizou duas eleições presidenciais e um processo de *impeachment*. Ao silenciar as mulheres, Veja coloca à margem o discurso delas e constrói espaços de sociabilidades nos quais a presidenta não se enquadra. Portanto, cabe a ela retornar ao espaço privado.

Considerações finais

O propósito do diagnóstico nas Páginas Amarelas da revista *Veja* foi proporcionar deslocamentos que pudessem mudar o olhar singular sobre a revista. As inquietações nos levaram a questionar o que parecia ser natural dentro da prática jornalística de *Veja*. Portanto, é fundamental lembrarmos que os impressos caracterizam-se por serem, ao mesmo tempo, um espaço político e cultural, pois neles e através deles são expostos os debates e as discussões de uma nação, lugar de inúmeras práticas, onde se articulam elementos, objetos e ações dos sujeitos, dos quais organizam, inventam, definem e vivenciam experiências diversas.

As análises evidenciam as Páginas Amarelas como um lugar responsável por manter/construir práticas discursivas segregadoras, pois, destacou-se pela brutal maioria de entrevistados homens frente a uma minoria de entrevistadas mulheres. As entrevistas realizadas com mulheres nos revelaram que elas ganharam visibilidade somente quando os temas estavam ligados ao espaço privado. Coube aos homens a soberania para dissertar sobre assuntos referentes ao espaço público, principalmente, política e economia. Assim, as “Páginas Amarelas” aderiram à ordem patriarcal, contribuindo com o silenciamento das mulheres nos debates a respeito do espaço público. Também caracterizou-se como uma estratégia discursiva de *Veja* para legitimar seu ponto de vista favorável ao *impeachment* de Dilma Rousseff, que conduziu seus leitores sobre como ler o momento que o Brasil atravessava e se posicionar nele.

Tendo em vista estas breves considerações, ressalto que em nossa época, os veículos de comunicação tornaram-se inesgotáveis e potentes fontes de produção

de subjetividades, mas vale lembrar, também, que existem pontos de fuga, resistências, pois o discurso da mídia não é uma imposição que sufoca e prende os leitores, é apenas um dos fios de um emaranhado discursivo que fabrica os indivíduos e os possibilita outras maneiras de ser. Ainda assim, é conveniente destacar a potencialidade destes enunciadores que desejam exercer poder sobre seus leitores, apresentando opiniões, interpretações dos fatos, imaginários e valores que acreditam e defendem.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 450-465.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 16, n. 02, p. 305 - 332, mai/ago, 2008.

PEREIRA, Ariane Carla. **Ser mãe é...** A maternidade normalizada pelo discurso jornalístico. Curitiba: Appris, 2018.

PERROT, Michelle. Em que ponto está a história das mulheres na França? Trad. Indá Soares Casanova. **Revista Brasileira de História: Espaço Plural**. São Paulo: AMPUH, v. 14, n. 28, p. 09 - 27, 1994.

- _____. **As mulheres, o poder, a história.** In: _____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Trad. Denise Bottmann. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 177 - 249.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Gênero e a política da história. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.
- SMITH, Bonnie. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica.** Trad. Flávia Beatriz Rossler. Bauru: Edusc, 2003.
- TUCHMAN, Gaye. **Media, gênero, nichos.** *Revista Media & Jornalismo*, Coimbra, v. 08, n. 15, p. 15 - 24, out, 2009.
- VEJA, ed. 2258, 29 de fevereiro de 2012, p. 17.
- _____, ed. 2260, 14 de março de 2012, p. 17.
- _____, ed. 2281, 08 de agosto de 2012, p. 17.
- _____, ed. 2317, 17 de abril de 2013, p. 13.
- _____, ed. 2319, 01 de maio de 2013, p. 19.
- _____, ed. 2373, 14 de maio de 2014, p. 19.
- _____, ed. 2399, 12 de novembro de 2014, p. 17.
- _____, ed. 2422, 22 de abril de 2015, p. 17.
- _____, ed. 2423, 29 de abril de 2015, p. 17.
- _____, ed. 2437, 05 de agosto de 2015, p. 15.
- _____, ed. 2466, 24 de fevereiro de 2016, p. 13.
- _____, ed. 2469, 16 de março de 2016, p. 11.
- _____, ed. 2476, 04 de maio de 2016, p. 13.
- _____, ed. 2483, 22 de junho de 2016, p. 20 e 21.
- _____, ed. 2494, 07 de setembro de 2016, p. 13.
- _____, ed. 2498, 05 de outubro de 2016, p. 17.
- _____, ed. 2505, 23 de novembro de 2016, p. 17.